

A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DE ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL ENVOLVENDO CRIANÇAS DE ATÉ TRÊS ANOS

Carine Eloísa Lerner¹, Cláudia Inês Horn²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir o papel da rotina nas turmas de Educação Infantil, especificamente envolvendo crianças de até três anos, e aborda discussões sobre a forma que essa rotina se estabelece no cotidiano da escola. Ele foi escrito com base em estudos, observações e práticas docentes realizadas na disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil I, integrante do currículo do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, cursada no primeiro semestre de 2013. As referidas observações e práticas docentes foram realizadas em uma escola de Educação Infantil do Vale do Taquari.

Palavras-chave: Educação Infantil. Crianças de até três anos. Rotina.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a Educação Infantil está conquistando um espaço mais amplo dentro das reflexões e práticas que vêm ocorrendo no campo educacional. O artigo em questão procura fazer uma discussão no que refere às rotinas presentes nas escolas de Educação Infantil, especificamente com crianças de até três anos. Foram realizadas observações, com duração de 10 horas, e práticas docentes com duração de 30 horas, em turmas dessa faixa etária, em que se procurou investigar o funcionamento da rotina no cotidiano da escola. A pesquisa foi realizada na disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil I, sendo parte integrante do currículo do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES.

Muito já se tem pensado e até mesmo criticado em torno do que se propõe para a criança no tempo em que ela está na instituição de Educação Infantil. Pensando nisso Bondioli (2004), afirma que o tempo é um aspecto significativo do crescimento da criança e que as instituições educativas levam isso em conta quando formulam suas propostas de programas e currículos, ajustando-os à idade dos destinatários.

A regularidade dos momentos da vida diária, envolvendo todas as situações de aprendizagem, organizadas dentro de um “tempo”, constitui-se do que chamamos de “rotina”, como é possível perceber na citação abaixo:

Raramente uma sugestão de rotina é acompanhada de uma possível explicação sobre a seleção ou a escolha de atividades ou materiais, ou mesmo de justificativas que indiquem os motivos pelos quais a manhã se inicia com um determinado tipo de atividade e é finalizada

1 Estudante de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES. Docente na rede municipal de Teutônia-RS-Brasil. E-mail: carinelerner@gmail.com.

2 Doutoranda em Educação – UNISINOS. Mestre em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Curso de Pedagogia – Departamento de Ciências Humanas e Jurídicas do Centro Universitário UNIVATES/Lajeado-RS-Brasil. Professora Orientadora do Estágio Supervisionado na Educação Infantil I. E-mail: clauhorn@yahoo.com.br

com outro. A rotina torna-se apenas um esquema que prescreve o que se deve fazer e em que momento esse fazer é adequado. (BARBOSA, 2006, p. 36).

Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda (apud Proença, 2004, p. 15), “a rotina refere-se aos caminhos já percorridos e conhecidos pelos sujeitos que, em geral automaticamente, obedece a horários, hábitos e procedimentos já adquiridos e incorporados.”

Barbosa (2006) contribui com essa discussão afirmando que:

Portanto, as pedagogias da educação infantil têm como centro de sua teorização a educação das crianças pequenas, situando-a tanto em sua construção como um sujeito de relações, inserido em uma cultura, em uma sociedade, em uma economia e com formas específicas de pensar e de expressar-se, quanto, também, com proposições instrumentais em relação aos aspectos internos ao funcionamento institucional e aos projetos educacionais, isto é, seus aspectos didáticos, como, por exemplo, os programas, as estratégias, os objetivos, a avaliação, a definição dos usos do tempo e do espaço, sua organização, suas práticas, seus discursos, enfim, sua rotina (BARBOSA, 2006, p. 25).

Observa-se que, no cotidiano da Educação Infantil, há uma série de situações diferenciadas conforme a faixa etária das crianças. Estas variadas situações são organizadas dentro de um tempo e de um espaço, promovendo “momentos” de exploração e interações. Nessa jornada diária das crianças e dos adultos, também precisam estar previstas atividades que considerem aspectos relativos às necessidades específicas de cada idade ou grupo.

As “necessidades” envolvem um contexto global, em que se levam em conta as questões biológicas, sociais e históricas de cada criança, idade ou grupo. Segundo Craidy (2001), as necessidades biológicas referem-se àquilo que o organismo precisa, ou seja, à alimentação, ao descanso, ao repouso, à higiene e a outras questões específicas de cada faixa etária. As necessidades psicológicas compreendem o ritmo próprio de cada uma na execução das propostas. Nesse caso, as diferenças individuais devem sempre ser levadas em conta e respeitadas dentro de seu tempo. Já as necessidades sociais e históricas dizem respeito à cultura e ao estilo de vida. Assim, todo e qualquer tipo de comemoração significativa da comunidade ou as formas particulares de organização institucional, precisam contemplar esse aspecto.

Durante a presente pesquisa foram realizadas primeiramente observações e posteriormente a prática docente. Nas observações realizadas na escola antes de iniciar a prática docente, foi constatado que o tempo usado para a satisfação das necessidades biológicas das crianças era bastante extenso, sendo ocupado por atividades como sono, duas trocas de fraldas e dois momentos de lanche, um no refeitório e outro na sala, ou seja, as educadoras estavam quase que em período integral envolvidas com essas atividades. Com base nessa observação surgiu a hipótese de que durante a prática docente poderiam ser proporcionadas atividades que acontecessem concomitantemente à troca de fraldas por exemplo, oferecendo estímulos às crianças que não estivessem envolvidas nessa tarefa.

Considerando as necessidades globais da criança, Horn (2004) afirma que, quando se pensa na organização do tempo, que varia conforme a faixa etária das crianças, é importante considerar a resolução de suas necessidades, a exploração ativa de todos seus sentidos, a descoberta e criação de relações por meio de experiências diretas, a manipulação, transformação e combinação de variados objetos, utilizando o corpo sempre com prosperidade.

Nesse sentido, foram proporcionadas às crianças, durante a prática docente, atividades que favorecessem a exploração e a experimentação de diversas sensações. Uma das atividades realizadas foi o “Cesto dos Tesouros”, que consiste em disponibilizar na sala um cesto ou uma caixa com materiais diversos, para que as crianças possam explorar e brincar. Ele foi disponibilizado na sala

de aula e lá permaneceu, proporcionando às crianças a opção de explorar os objetos contidos nele no momento em que tivessem interesse. Durante as trocas de fraldas era usado pelas crianças que não estavam sendo trocadas. Seguindo a mesma ideia, foi feito também o túnel das sensações, que consistiu em um túnel montado com caixa de papelão, tendo coladas nas suas paredes internas diversos materiais, como: lixa, fibra, esponja vegetal, tampinhas de garrafa pet, papel corrugado, papel camurça, entre outros. A textura desses materiais era explorada enquanto as crianças passavam pelo interior do túnel, sendo também possível fazê-lo concomitantemente às trocas de fraldas e até mesmo com o lanche feito na sala, não sendo necessário reservar um tempo para que todas as crianças tivessem que participar juntas.

Também sob essa perspectiva foi feita uma cabana usando como suporte um bambolê preso ao teto, em que estavam penduradas tiras de papel celofane, que é uma espécie de plástico transparente, oferecendo às crianças os estímulos auditivos com o barulho que faz ao ser manuseado, e também visual, pois eram tiras coloridas que proporcionavam diferentes percepções ao serem atravessadas pela visão. Em outras atividades que foram realizadas, como carimbar os pés com tinta no papel pardo, observou-se a necessidade de todas as educadoras estarem envolvidas, pois se precisava de alguém que preparasse as crianças para a exploração, tirando seus calçados, alguém que as ajudasse a pisar na tinta e caminhar com os pés deslizantes e também mais alguém que limpasse os pés e colocasse novamente o calçado após a tarefa.

Pensando nisso, torna-se fundamental que os professores, ao planejar e organizar o tempo e o espaço nas instituições infantis, organizem a sua rotina conforme as necessidades e os interesses das crianças, uma vez que essa organização oferece segurança e confiança às crianças de até três anos. Abramowicz (1999, p. 26) destaca que “A rotina orienta a ação da criança, assegura a ela o dia-a-dia, possibilitando que perceba e se situe na relação tempo-espaço, permitindo modificações, sem necessariamente cair na mesmice, no repetir sempre o mesmo.”

A rotina na Educação Infantil contribui no sentido de desenvolver na criança uma maior independência e autonomia. Conforme destaca Zabalza (1998, p. 159), ela “Vai conquistando uma maneira própria de viver cada um desses tempos que se transformam em pontos de referência que lhe permitem variar as suas atividades e desenvolver uma ampla gama de experiências”.

Para que a organização da rotina não se torne um processo mecânico, em que não há espaço para a inovação, para a criatividade e, acima de tudo para a criação do novo, para o movimento, para as interações e para a flexibilidade, alerta Barbosa:

As rotinas podem tornar-se uma tecnologia de alienação quando não consideram o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a realização, a fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos nela envolvidos; quando se tornam apenas uma sucessão de eventos, de pequenas ações, prescritas de maneira precisa, levando as pessoas a agir e a repetir gestos e atos em uma sequência de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio.[...] Ao criar rotinas, é fundamental deixar uma ampla margem de movimento, senão encontraremos o terreno propício à alienação (BARBOSA, 2006, p. 39).

A rotina flexível, que respeita e considera as necessidades de cada grupo, “permite que o educador baseie-se no previsível para lidar com o inesperado, estruturando a intencionalidade da sua ação e exercitando o seu papel de mediador de situações pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento e a aprendizagem” (PROENÇA, 2004, p. 15).

Sobre lidar com o inesperado, em duas das situações proporcionadas na prática docente, sendo uma delas a cabana feita com tiras de papel celofane e a outra o túnel construído com caixa de papelão, aconteceu o inusitado. O material usado na confecção desses artefatos era muito

sensível para ser manuseado por crianças de até três anos. A ideia original era que esses brinquedos permanecessem na sala por alguns dias, mas no primeiro dia eles foram danificados, não sendo possível sua permanência.

A rotina flexível, aquela na qual não se pressupõe ações rotineiras, torna-se rica, alegre e prazerosa, por proporcionar cotidianamente um espaço estimulante, desafiador e com muitas interações. A organização da rotina depende de fatores específicos de cada instituição, determinados pelas suas peculiaridades. Segundo Barbosa (2006, p. 35), "São fatores condicionantes da maneira de organizar a rotina, o modo de funcionamento da instituição, o horário de entrada e saída das crianças, o horário de alimentação e o turno dos funcionários."

Nesse sentido, podemos dizer que cada instituição vai organizar o seu tempo pedagógico levando em consideração tais objetivos, atrelados a suas necessidades e realidade. Assim, a construção do projeto político-pedagógico de cada instituição de Educação Infantil vai ser o reflexo do que se pensa, se propõe e quais as suas intenções no atendimento à criança.

[...] A aventura da ciência está onde a razão entra em confronto com o imaginário, com o estético, com o não-racional, isto é, com tudo aquilo que é (des)conhecido, abrindo assim, novos sentidos, caminhos e ideias (BARBOSA, 2006, p. 19).

Dizer que a criança aprende só a partir de atividades dirigidas pela professora, por meio de projetos ou outras metodologias de trabalho, envolvendo determinados "conteúdos", seria no mínimo uma grande contradição. No cotidiano infantil, a criança está imersa em situações, que envolvem o cuidado e a educação, os quais contribuem grandiosamente no desenvolvimento e na construção de aprendizagens. De acordo com Bassedas (1999),

O tempo de aprender e o tempo de viver e crescer não estão separados e, em todo o momento, a criança cresce e aprende graças à ação educativa das pessoas que envolvem (professores, educadores, meninos, meninas, outros adultos, etc.) e às experiências que tem no seu contexto (BASSEDAS, 1999, p. 100).

Segundo Junqueira Filho (2004), todos os momentos da vida diária envolvem diferentes situações de aprendizagem, que se referem à ação das crianças com um objeto de conhecimento-linguagem, mediada pela interação do outro e do contexto na qual está inserida. Assim, tudo o que gira em torno do que a criança faz no cotidiano infantil envolve novo olhar, novo aprender, novo conhecer, sendo, desse modo, uma situação de aprendizagem.

Além das citadas, na prática pedagógica também foram proporcionadas às crianças outras situações de aprendizagem envolvendo o estímulo e a exploração, como massinha de modelar comestível, bolhas de sabão, chuva de papel picado e pintura do muro da escola com tinta e pincel de rolinho.

Dessa forma, todos os momentos tornam-se ricos de construções e descobertas, assim como as imaginações e fantasias surgidas a partir de histórias, os desafios propostos em brincadeiras de correr, pular, saltar, a percepção, o raciocínio, a linguagem oral, a ida ao banheiro, a realização de uma visita, a organização dos brinquedos utilizados, a investigação de um projeto.

2 PROBLEMATIZANDO ROTINAS

Percebemos que falar sobre o tempo é um desafio, principalmente quando queremos pensar nas práticas vividas na educação infantil. Embora culturalmente tenhamos definido diversas maneiras de medi-lo e administrá-lo, cada um de nós tem uma experiência única com o tempo. Segundo Fortunati (2009), o controle do tempo na educação infantil é muito importante porque:

As situações de atenção pessoal se acham vinculadas à satisfação das necessidades fisiológicas das crianças – como alimentação, higiene e o sono – e se repetem cotidianamente conforme modalidades e tempo bastante regulares. No entanto, isso não deve levar a pensar que se trata de momentos caracterizados por seu anonimato e sua mecanização; trata-se, antes, de uma característica da regularidade para dar às crianças um elemento real e próprio de orientação em relação aos tempos do dia e ao que – momento a momento – é razoável esperar (FORTUNATI, 2009, p. 29).

Esse autor acrescenta que “A regularização dos ritmos, o ordenamento da vida e a temporalidade da modernidade fazem-se presentes a partir de um artefato central, o relógio” (FORTUNATI, 2009, p. 139). No contexto de mundo atual todas as nossas atividades são regidas pelo tempo, então estamos sempre atentos ao relógio. Isso também opera no sujeito uma ideia de competição. Nesse sentido, a escola entra no mesmo ritmo de vida. Segundo Fortunati (2009, p. 141), “[...] As escolas de educação infantil se submetem cada vez mais a uma agenda de atividades adultas: informática, inglês, judô, balé, horário de matemática, música, português etc.”. Ele ainda complementa que “A preocupação com os usos do tempo sempre se fez presente no universo da educação” (FORTUNATI, 2009, p. 141).

Kohan (2004) coloca no seu texto que “o ser humano é o único animal que aprende a falar, e não poderia fazê-lo sem infância”. Com isso notamos que a infância não é apenas uma questão cronológica: pois a criança vai tendo suas experiências com o passar do tempo, e nós precisamos dar espaços para que assim ela explore, respeitando sempre o seu ritmo de desenvolvimento.

Esse autor cita ainda outras definições para o tempo: na Grécia existem três palavras para referir-se ao tempo. O tempo *Chrónos* designa a continuidade de um tempo sucessivo, é o tempo cronológico que conhecemos. Para Aristóteles, *Chrónos* é como “o número do movimento segundo o antes e o depois” (KOHAN, 2004, p. 54). Complementando, “O tempo é, nessa concepção, a soma do passado, do presente e futuro, sendo o presente um limite entre o que já foi e não é mais (o passado) e o que ainda não foi e, portanto, também não é, mas será (o futuro)” (KOHAN, 2004, p. 54).

Mas *Chrónos* não é a única palavra para designar o tempo, há mais duas: *Kairós*, que significa oportunidade, *Aión*, que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um tempo que não tem número nem sequência, se mede pela intensidade do momento (KOHAN, 2004, p. 54).

Podemos perceber que a administração do tempo não é só uma questão da educação, faz parte da ação de todos os homens no seu dia a dia. Como entender um conceito tão complexo como o tempo? Na literatura, podemos citar um exemplo que é a obra “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carroll (2002), que tem seu início marcado pela relação entre a personagem principal e o tempo:

“Era uma vez uma menina que caiu em um poço profundo e, após um pouso suave, viu um coelho que passava apressado, atrasado, mas, por mais que procurasse segui-lo, não conseguia alcançá-lo...”. A ideia de um coelho correndo atrás do tempo chama atenção. O que significa um relógio no qual os ponteiros giram ao contrário, como o que o coelho carrega no peito? Na história, o coelho passa várias vezes pela menina, sempre dizendo que está atrasado. Atrasado para o quê?

Na sequência da narrativa, ao sonhar, Alice se depara com outro relógio. Dessa vez, o objeto aparece nas mãos de um chapeleiro. Ao prestar atenção nele, Alice percebe que seus ponteiros não marcam as horas, apenas os dias. Durante a conversa com o chapeleiro, a menina observa o lugar e estranha a presença de uma enorme mesa de chá. Descobre, então, que naquele local são sempre cinco horas e que somente os dias se modificam. Em um dos momentos da conversa, o chapeleiro diz a Alice: “É estranho o tempo. Ele é bem complicado. Se brigarmos com o tempo, se ele é maltratado,

chovem, então, contratempos, e eles fundem nossa cuca. Foi o tempo que deixou a lebre assim tão maluca.”

O sonho da menina levanta uma questão relativa à linearidade do tempo. O coelho sempre atrasado e o relógio do chapeleiro nos fazem pensar sobre a rotina, o automático das ações e a pouca reflexão nos fazeres. Uma sensação estranha que nos envolve alguns dias quando, mesmo após uma noite de sono, parece que o novo dia é o dia anterior vivido novamente. Relacionando com os tempos de Kohan, na escola é preciso levar em consideração não somente o tempo *Chrónos*, mas também valorizar o *Kairós* e o *Aión*, a oportunidade e a intensidade dos momentos.

Nesse sentido, foi constatado que a rotina existe como forma de organização do tempo na escola, mas que ela não deve ser considerada como uma única forma de se fazer as coisas todos os dias. Ela deve ser flexível, ceder lugar ao inusitado e ao inesperado. O tempo e o espaço devem ser organizados para que tragam estímulos e novas aprendizagens às crianças, e não simplesmente como forma de dividir os diversos momentos do dia. Outra aprendizagem trazida por este estudo é que as crianças não precisam fazer todas a mesma atividade ao mesmo tempo, pois elas têm interesses diferentes e em momentos distintos. Claro que para isso acontecer a escola precisa oferecer uma estrutura que proporcione a viabilidade de se trabalhar dessa forma, como, por exemplo, ter mais de uma educadora na turma, para que se possa dar conta de mais de uma tarefa ao mesmo tempo na sala de aula. Com esta pesquisa, a ideia recorrente é que nós, educadores, temos sempre que buscar novos estudos, novas estratégias, novas trocas de experiências, para que possamos sempre evoluir em relação às nossas práticas diárias.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Educação infantil: Creches**. São Paulo: Moderna, 1999.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: Rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BASSEDAS, Eulália, HUGUET, Teresa e SOLÉ, Isabel. **Aprender e Ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BONDIOLI, Ana (org). **O Tempo no Cotidiano Infantil**. Perspectiva de pesquisa e estudo de casos. São Paulo: Cortez, 2004.

CARROL, Lewis. **As aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CRAIDY, Carmen e KAERCHER, Gladis (org). **Educação Infantil Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FORTUNATI, Aldo. **A educação infantil como projeto da comunidade**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HORN, Maria da Graça. **Ação pedagógica com crianças de 0 a 3 anos**. Disciplina Curricular do curso de Pós-graduação – Especialização em Educação Infantil. Centro Universitário UNIVATES: Lajeado, 2004.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel. Linguagens geradoras: um critério e uma proposta de seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. **Revista Ciências e Letras**. Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e letras. FAPA 36. Jul. / Dez. , 2004.

KOHAN, Walter Omar (org.) **Lugares da infância: filosofia**. DP&A, 2004.

PROENÇA, Maria Alice de Rezende. A Rotina como âncora do cotidiano na Educação Infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**, Ano II, n.º. 4, p. 13-15. Abril. / Jul., 2004.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.